

## Uma leitura de “As criaturas” de João Gilberto Noll

Prof. Ms. Virna Vieira Leite<sup>1</sup> (UFMS)

### Resumo:

*Mínimos, Múltiplos, Comuns de João Gilberto Noll, publicada em 2003, é dividida em cinco conjuntos: “Gênese”, “Os Elementos”, “As Criaturas”, “O Mundo” e “O Retorno”. Desses cinco conjuntos narrativos, escolher-se-á “As Criaturas” para estudo, uma leitura dos textos que compõem esse conjunto. A partir do significado da palavra “Criatura” interpretada como um processo social e histórico demonstrar-se-á de que maneira os relatos desse conjunto narrativo podem ser compreendidos pela associação literatura/sociedade e de que maneira as influências do meio social se incorporam à estrutura da obra. A interação entre os relatos do conjunto “As criaturas”, nos revela uma única voz, um único discurso, a voz daqueles que foram calados pela sua subcondição: a de excluídos, colocados à margem da história.*

**Palavras-chave:** 1. João Gilberto Noll, 2. Mínimos, Múltiplos, Comuns, 3. As Criaturas., 4. Literatura Brasileira Contemporânea.

### Introdução

João Gilberto Noll, nasceu em Porto Alegre, em 1946. Em 1967 entrou para o curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Dois anos depois, abandonou o curso e mudou-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou no jornal *Última Hora*. Em 1970, publicou seu primeiro conto, Roda de Fogo, numa coletânea elaborada pelo escritor e poeta gaúcho Carlos José Appel.

“As criaturas” conjunto integrante da obra *Mínimos, Múltiplos, Comuns* publicada em 2003 pela editora Francis, recebeu o prêmio Jabuti de melhor capa e o segundo lugar para livro de contos, além do prêmio ABL de Ficção 2004.

Em *Mínimos, Múltiplos, Comuns* há 338 textos nomeados como *instantes ficcionais* pelo próprio escritor. Textos curtos, publicados primeiramente na *Folha de São Paulo*, numa coluna intitulada *Relâmpagos* mantida pelo autor de agosto de 1998 a dezembro de 2001.

Dividida em cinco conjuntos: “Gênese”, “Os Elementos”, “As Criaturas”, “O Mundo” e “O Retorno” a obra *Mínimos, Múltiplos, Comuns* apresenta conforme Wagner Carelli in NOLL (2003) “um painel minimalista da criação”.

Dos conjuntos que compõem a obra, escolher-se-á “As criaturas” para estudo e reflexão. “As criaturas”, segundo o escritor, constitui, ao lado dos 170 do mesmo grupo, o

[...] mais complexo entre os conjuntos. Parte de uma definição dos Corpos, que se mostram Despidos, depois unidos carnalmente como Amantes, unidos perante a lei e a sociedade em Casamentos, constituídos em Famílias, gerando Crianças, repartindo espaço e destino com os Animais, vagando e povoando o mundo como andarilhos, penando de escapar à fúria dos vencedores como Fugitivos. Os corpos são Feridos e cobrem-se de cicatrizes, recuperam-se ou não como Convalescentes e colocam-se à parte do mundo e das coisas, viventes de outro plano, como Artistas. (NOLL, 2003, p. 23)

A palavra criatura, de acordo com o dicionário Aurélio, significa: “coisa ou ser criado. Indivíduo.” (p.194); esse vocábulo tem no seu radical, a palavra criação, segundo os preceitos cristãos, o homem e todas as coisas foram criados por Deus.

Contudo no painel minimalista da criação “As criaturas” pode ser dividida em dois grupos: as criaturas tendo como base um criador (no aspecto cristão da palavra) e o outro, nas quais as criatu-

ras são instituídas pela sociedade. Em relação ao primeiro temos os seguintes subconjuntos: “As crianças”, “Os animais” e “O corpo”. O segundo grupo apresenta os seguintes: Os Despidos, Os Amantes, Os Casamentos, A Família, Os andarilhos, Os excluídos, Os Revoltosos, Os Gladiadores, Os Acusados, Os Fugitivos, Os Feridos, Os Convalescentes e Os artistas.

Como reflexão nota-se que no âmbito morfológico prevalecem, no segundo grupo, os adjetivos substantivados, ou seja, são atribuídos funções de substantivo à esses adjetivos. E qual é a função do substantivo? A de nomear seres, ou seja, tem-se como criação da sociedade seres nomeados como “os Excluídos”, “Os Feridos”, “Os Convalescentes”, “Os andarilhos”, “Os Fugitivos”, “Os Feridos”, mas também temos “Os amantes”, “Os Casamentos”, “A Família” e “Os Artistas”.

## **1 As criaturas**

A partir da acepção da palavra “Criatura”, ou seja, algo ou alguém que foi criado, tem-se a concepção de que o termo “criaturas” divinas ou não, é comum no âmbito da civilização ocidental. Esta noção de criação, no qual há um ser criador e um ser criado problematiza na obra questões referentes ao ser humano.

Em um sentido amplo, criatura tem diversos significados, está relacionada aos seres de todas as naturezas: criatura da selva, criatura do espaço, criatura estranha, entre outras. A relação entre os textos do conjunto “As criaturas”, nos revela uma única voz, ao mesmo tempo em que cada conto apresenta um narrador, há um fio condutor que une todas as criaturas, essa seria a voz do conjunto.

Os textos do conjunto “As criaturas” apresentam enredos diversos, desde assuntos como a solidão, o amor, a pobreza, a infância, a família, a fome, as doenças, entre outros, com destaque sempre à condição humana.

A condição humana como representação das características essenciais da existência do homem em determinado espaço, visto que sem elas, essa existência deixaria de ser humana, ou seja, a vida, o nascimento e a morte, o mundano, a pluralidade dos seres. Todos eles pertencem ao fio condutor conforme citado, com alguns elementos que marcam o enredo da obra como um todo: o signo da solidão, do abandono, do desamparo, do não-reconhecimento.

Há, na obra, marcas de uma pluralidade do discurso dos narradores, ora em primeira pessoa, ora em terceira pessoa. Em registro comum, são encontrados os pensamentos, num primeiro plano, e, nas entrelinhas, são encontradas as divagações, indagações mais recônditas dos personagens. Por meio desses dois registros, os narradores dialogam consigo mesmos. Medos, receios e anseios são expostos num fluxo narrativo que enfrenta o outro como mediador. Há a ocorrência do monólogo interior. Esse recurso literário é esclarecido por Massaud Moises:

O monólogo interior caracteriza-se por transcorrer na mente da personagem (*mónos*, único, sozinho, *logos*, palavra, discurso), como se o “eu” se dirigisse a si próprio. Na realidade, continua ser diálogo, uma vez que subentende a presença de um interlocutor, virtual ou real, incluindo a própria personagem, assim desdobra em duas entidades mentais (o “eu” e o “outro”), que trocam idéias ou impressões como pessoas diferentes (MOISES, 2004, 308).

Vários textos são terminados com as reticências, tal uso pode ser visto como uma pista do tom de incerteza e imprevisto sobre o futuro, sobre o amanhã, uma lacuna para o leitor contemporâneo. Para confirmar o uso constante das reticências – marca da suspensão da melodia na frase – alguns excertos do conjunto:

[...] Ali, vivendo a véspera indecisa, abrindo o armário com esforço, trocando a froinha, quem sabe a senha. Ali ouvindo um murmúrio de fora, de lá, daquele vento brando na relva da coxilha que ele já não via mais... (NOLL, 2003, p. 158).

[...] Só, só essa água que pinga pelo peito antes que, afoita, ela corra para começar... (NOLL, 2003, p. 160).

[...] Covarde, eu mendigava o perdão... (NOLL, 2003, p. 162).

[...] Na sua última visita essa pessoa entra onde havia um vídeo com o artista testemunhando em inglês, mas não há mais o vídeo, só o escuro, e essa pessoa tateia, tateia, tateia até encostar num lábio que ela beija, em paz...(NOLL, 2003, p. 376).

A capacidade de transcendência dos narradores pode ser comparada ao distanciamento temporal entre a configuração daquele que narra e o protagonista. Predomina nesse conjunto “As criaturas” o uso do discurso indireto e, às vezes, indireto-livre. Dessa forma temos um discurso descontínuo, comum em épocas esgarçadas, no qual o homem não se sente acolhido nem por um tempo nem por um espaço. Não há sentido em relação ao futuro.

Pode-se averiguar essa falta de acolhida de espaço e tempo no texto “Gigante”, um dos que compõe o conjunto “O Corpo” em *Mínimos, Múltiplos, Comuns*. Em “Gigante” um homem muito alto, dono de um corpanzil – conforme cita o narrador – lava suas mãos, ao lavá-las brinca com o “minguado fio d’água da torneira matutina” (NOLL, 2003, 157).

Mas há uma questão inquietante, a tal lacuna. O gigante chama uma determinada mulher, sente-se sozinho, abandonado em um corpo estranho a si mesmo, não se sente parte do mundo, até seu toque é *desregulado*, seus movimentos avessos à sua vontade. O gigante pode ser interpretado nesse relato como uma metáfora da falta de habilidade e sensibilidade do ser humano para lidar com as relações que o circundam, Gotlib cita a solidão como um tema comum ao conto moderno:

As ressalvas que se pode fazer a O’Connor são as que podem ser feitas a outros autores. Refere-se apenas ao conto moderno, cuja temática da solidão surge como consequência de uma sociedade burocratizada e capitalista, que deseja o objeto. E considera impossível haver identificação de vozes – entre a voz do leitor e a da personagem. Entretanto, a identificação pode existir ainda que e pelo próprio fio da semelhança de situações: a da solidão” (GOTLIB, 1985, 57).

“A criança e o soldado”, texto integrante do conjunto “Família” relata a ausência de um pai, não se sabe nada sobre sua ausência, somente que é um soldado: “Depois da parada militar um soldado me olhou. Suava muito, disse que era meu pai” (NOLL, 2003, 211). O narrador – menino não o reconhece, sabe que o soldado é seu pai porque este lhe diz. Há um distanciamento entre os fatos, que é sugerido pelo título “A criança e o soldado”. Cria-se um clima de mistério, entre a criança e o pai, até então desconhecido. O leitor espera uma reação da criança em relação à esse pai desaparecido, mas ela ignora, não consegue falar sobre isso, lembra-se do sapato que lhe aperta os pés e finda a narrativa.

Pode-se reafirmar, portanto a presença constante de elementos como o não-reconhecimento e o distanciamento em alguns textos da obra, como nota-se acima. É importante reconhecê-los como símbolos do pós-guerra, já que os textos são narrados como partes desconhecidas entre si e ao mesmo tempo fazem parte de dois processos da vida cotidiana: excluir e incluir.

Ricardo Piglia em *Teses sobre o conto* (2004) afirma em sua primeira tese que um conto sempre conta duas histórias e que o efeito de surpresa se produz quando o final da história secreta nasce na superfície. Entretanto sobre o conto moderno (Tchekhov, Katherine Mansfield, Sherwood Anderson) assegura que isso não ocorre, ou seja, o mais importante nunca se conta porque apresenta as duas histórias como se fosse uma só: surge então o subentendido, o não-dito.

O subentendido e o não-dito são expressos em “A sopa” no subconjunto “Os excluídos”:

Um dia por semana ela tomava a sopa dos pobres. Esperava na longa fila. Quando a concha entornava o caldo de legumes, se sentia grato de uma forma desconhecida. Como se precisasse se prostrar no chão do dispensário. Espécie de rito extraviado de sua origem, de seu possível sentido dramático, de tudo. Perfeitamente natural aquele padecimento branco, sem laceração. Aquele contato frio na laje dura. Assim deveria ter sido antes do conforto acolchoado e anestesiante de agora. Nesses momentos, era levado a expelir um pouco do soro de sua temperança (NOLL, 2003, 271).

Nessa narrativa, uma mulher toma a sopa dos pobres, cena comum em épocas difíceis como às épocas de guerras e catástrofes na qual milhares de pessoas perdem suas casas, suas rotinas. Tornam-se excluídas em seu próprio território, esse é o não-dito. A cena é tão rica em plasticidade, que no fim o narrador afirma conter-se: “Nesses momentos era levado a expelir um pouco do soro de sua temperança” (NOLL, 2003, 271). Há um olhar-câmera na observação do narrador à cena: sua observação parte da cena da fila, do qual todos esperam a sopa para a observação do personagem.

A tensão ocorre quando o narrador demonstra seu sentimento de *temperança* em relação à moça da sopa. Ele a conhece? Sabe de sua origem? O porquê de milhares de pessoas estarem em uma longa fila à espera de alimento? Não sabemos, entretanto ocorre uma identificação com a narrativa tradicional, há um limite muito estreito entre esses dois planos: “Todas as histórias do mundo são tecidas com a trama de nossa própria vida. Remotas, obscuras, são mundos paralelos, vidas possíveis, laboratórios onde se experimenta com as paixões pessoais” (PIGLIA, 2004, 104).

No subconjunto “Os convalescentes” há um texto intitulado “Uva”, o enredo em primeira pessoa, conta a experiência do narrador ao receber choques insulínicos:

Quando, em maio de 64, ressuscitei do meu segundo choque insulínico... O que houve? Nada demais. Ao lado da cama, um prato com uvas escuras. As cascas, depositava-as sobre as pernas do pijama que eu usava. E não via nisso nada de anormal. Ao contrário: compunham belos brocados sobre a flanela rosada. Lembro que alguém, em alguma outra dependência, gemia, enrolava a língua, berrava. “Vive a convulsão da qual acabo de sair?” me perguntei. E cuspi com força uma uva. Ela atingiu o uniforme do enfermeiro que chegava. A mancha sorria. Agradecia sua púrpura presença (NOLL, 2003, 351).

A justaposição de vozes, em primeira e em terceira pessoa, é outro fator decisivo da fragmentação discursiva do conjunto. De acordo com as formulações de Bakhtin (1988) quanto ao aspecto interacional da linguagem, o estudo do discurso que analisa a dialogicidade permite a identificação, no texto literário, de posicionamentos acerca de questões socio-políticas, reproduzidas no mundo diegético da obra.

As variações do ponto de vista dos narradores e do próprio discurso narrativo do conjunto “As criaturas” exacerbam os conflitos vividos pelo personagem, dando mais plasticidade e dramaticidade às cenas, já que as tensões se revelam na e pela linguagem estratificada, que por vezes impede a definição da pessoa que fala no texto.

Em um artigo intitulado *O hipotexto de Noll* (2006), Marchezan afirma que um hipotexto é um texto muito curto. “A brevidade, quer para a prosa ou para a poesia, provoca numa narrativa uma forte tensão interna. A brevidade intensifica, no caso de uma narrativa em prosa, uma coerção interna para o estabelecimento da sua trama” (MARCHEZAN, 2006, 233).

Esta brevidade é nítida em “Uva” texto marcado por dois tempos: passado e presente. O marcador temporal “*Quando*” estabelece no texto a noção do distanciamento temporal. São recordações de maio de 64. Para o Brasil, um ano que interferiu na vida de todos os brasileiros, deixou marcas e lembranças. O narrador não faz nenhuma outra referência à ditadura, a não ser o ano, mas para o leitor é inevitável tal associação. O título “Uva” ganha sentido a partir do momento das reflexões do

narrador: “Vive a convulsão da qual acabo de sair?” (NOLL, 2003, p. 351) e ao se lembrar gospe a uva que estava em sua boca. O narrador, neste texto, ora aparece em primeira pessoa, ora em terceira pessoa, há uma mistura de vozes discursivas, e nesse momento talvez, ocorra a identificação do leitor com o texto.

Ao rejeitar a uva, abdica também a condição de convalescente, o ato se realiza quando o cuspe acerta em cheio o enfermeiro, um dos responsáveis talvez por aplicar no narrador, o choque insulínico. Mais uma vez, Piglia em suas considerações sobre o conto, afirma: “Nesse universo em miniatura, vemos um acontecimento que se modifica e se transforma. O conto conta uma encruzilhada, uma passagem, é um experimento com o marco e a noção de limite” (PIGLIA, 2001, 112).

Ao ler cada um dos relatos do conjunto “As criaturas”, observa-se que o narrador procura levar a linguagem ao limite, criando um mundo paralelo ao mundo natural. Cândido em suas observações sobre a nova narrativa cita:

[...] Agora nessa era industrial em que vivemos, quando criamos objetos sem parar (e parece que o homem tem a capacidade de fazer concorrência à natureza), a ânsia de criar novos objetos afasta o homem das formas naturais e vai-se criando um mundo autônomo, que é uma espécie de duplicação do mundo natural (CANDIDO, 2002, p. 218-219).

Ao pensar a linguagem levada ao limite questiona-se em como dar forma ao que transborda nossa capacidade de pensar, devemos levar em consideração que muitos desses eventos traumáticos vão além dos limites perceptivos do humano. O texto “As criaturas” toca nessa ferida ao tratar desses elementos, de forma metafórica e contundente.

## **Conclusão**

Ao propor uma leitura do conjunto “As criaturas” em *Mínimos, Múltiplos, Comuns* tem-se como objetivo atrelar o estudo do texto literário e a sociedade atual como propõe Cândido debruçando-se na noção de sistema literário: a literatura é interpretada pelo crítico como um sistema de obras ligadas por denominadores comuns que fazem dela aspecto orgânico da civilização, assim, a literatura é vista como um acontecimento de cultura, algo, portanto, que não surge pronto e acabado, antes se configura ao longo de um processo cumulativo de articulação com a sociedade.

Dessa forma, refletir acerca de “As criaturas” como um conjunto de textos no qual permeia uma única voz, em diversos narradores, produz a multiplicidade da obra de Noll. Arte e sociedade mantêm vínculos estreitos. A literatura submerge e expressa as condições do contexto em que é produzida, e esta sujeita às variações ou mudanças que nele ocorrem, por isso há textos como *Mínimos, Múltiplos, Comuns* tão ricos em fragmentação e pluralidade.

Com base nessa reflexão “As criaturas” tem seu valor literário, tanto como conjunto isolado, quanto parte de *Mínimos, Múltiplos, Comuns* - na coerência obtida entre a atmosfera dos textos e a escolha do foco narrativo: a criatura humana

## **Referências Bibliográficas**

- 1 BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética*. A teoria do romance. São Paulo: Hucitec, 1988.
- 2 CANDIDO, Antonio. *Textos de Intervenção* – seleção, apresentações e notas de Vinicius Dantas. São Paulo: Duas Cidades, 2002.
- 3 GOTLIB, Nádia Battela – *Teoria do Conto*. 2ª edição. São Paulo: Ed. Ática, 1985.

- 4 MARCHEZAN, Luiz Gonzaga. “O hipotexto de Noll” in *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. Rio de Janeiro: Abralic, número 9, págs. 229- 242, 2006.
- 5 MOISES, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- 6 NOLL, João Gilberto. “As Criaturas” in *Mínimos, Múltiplos, Comuns*. São Paulo: Francis, 2003.
- 7 PIGLIA, Ricardo. “Teses sobre o conto” in *Formas Breves* – tradução de José Marcos Mariani Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

---

<sup>1</sup>

**Autor(es)**

**Virna Vieira LEITE, (Profa. Ms.)**  
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)  
leite.virna@gmail.com